

B O C A



artes performativas artes visuais música cinema

Biennial of Contemporary Arts Camino Irreal

Lisboa

www.bocabienal.org
[@bocabienal](https://twitter.com/bocabienal)

Madrid

10.09.2025 – 26.10.2025

CAMINO IRREAL

A 5ª edição da BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas, decorrendo simultaneamente em Lisboa e Madrid, propõe uma travessia ibérica que desafia os limites entre territórios geográficos, culturas, imaginários e práticas artísticas.

A BoCA 2025 apresenta-se como o evento cultural mais representativo da cena artística ibérica, ao incorporar diversas áreas artísticas – artes performativas, artes visuais, música e cinema – e mais de 25 instituições culturais de Lisboa e Madrid – teatros, museus, centros culturais, cinemas e espaços patrimoniais. Nesta reconfiguração cultural e geográfica que supera fronteiras, constrói um palco único e plural que reflete as vozes do tecido artístico e cultural dos dois países, fomentando a criação contemporânea num contexto internacional. Convidando artistas de diversas origens a arriscar novas colaborações e formatos, diálogos com comunidades e deslocamentos entre territórios artísticos, a BoCA abraça o encontro com o “outro” como uma política e prática artística de alteridade. É neste contexto que a BoCA encomenda e apresenta projetos especiais, em estreia mundial e nacional, que desafiam as fronteiras, sejam geográficas, políticas, culturais, sejam da criação e da experimentação.

Desde os relatos que retratam a relação com o território e a identidade, até às experiências que reescrevem narrativas hegemónicas, cada projeto da programação é uma passagem por caminhos de fuga, de transformação ou de descoberta. Seja na inquietude das fronteiras, na revelação de memórias ou na construção de universos onde o real e o irreal se cruzam, a programação da BoCA 2025 propõe uma travessia que desafia as perceções convencionais e convida à reflexão sobre o lugar do artista e do espectador num mundo em constante desvio: um Camino Irreal. Originalmente, o termo *Camino Real* nasceu em Espanha como uma rede oficial de estradas régias, sobretudo a partir do século XVI, embora aproveitando rotas anteriores – romanas, medievais e caminhos comerciais já existentes. Ligados à consolidação da monarquia e ao crescimento do império ultramarino, estas “estradas reais”, altamente protegidas, foram vias privilegiadas de peregrinação, comunicação e um contributo relevante para impor a língua, a religião e a cultura espanhola pelas colónias.

Para a BoCA 2025, propus – acompanhando o espírito dos tempos que vivemos e seguindo a essência da BoCA – uma distorção do “real” para “irreal”, dando lugar ao título desta edição: *Camino Irreal*. Por um lado, este é um caminho que abraça desvios às rotas oficiais e convencionadas, convida a perder-nos, a abraçar a imaginação e a resistência, incentiva a criação de novas realidades. Num mundo em que a polarização e a pós-verdade influenciam a nossa percepção do mundo, em que as nossas crenças e valores se baralham no barulho do mundo, o irreal ascende a um lugar de refúgio, de escuta e de cuidado. O *Camino Irreal* é um campo fértil para re-imaginar o mundo através do gesto artístico. O *Camino Irreal* alude a um deslocamento não só físico e geográfico, que nesta edição da bienal se opera entre Lisboa e Madrid, mas também simbólico e discursivo, em consonância com a identidade de programação da BoCA. Em 2025, continuamos a convidar artistas a arriscar desvios, propondo novos caminhos e imaginários dentro da sua prática criativa e longe dos lugares onde ela habitualmente opera, mas também propomos diversos diálogos artísticos, a meio caminho, entre o lugar de um e do outro, entre artistas de Portugal e Espanha.

A programação da BoCA 2025 abrange três vertentes que traduzem as relações artísticas e institucionais que ativamos, entre Lisboa e Madrid. A primeira, é o resgate de relações artísticas entre artistas portugueses e espanhóis, como é o caso do projeto de Elena Córbona e Francisco Camacho, que remonta a uma residência artística que desenvolveram em 2015 no Festival Citemor, e agora se voltam a juntar, dez anos depois, para dar e consolidar esse gesto inicial; também Tânia Carvalho volta a reunir-se com Rocío Guzmán, agora em torno de um conjunto de residências que dão lugar a uma criação. A segunda remete para a valorização de relações institucionais, muito escassas, protocoladas entre Lisboa e Madrid, de que é exemplo a estreita parceria entre a Cinemateca Portuguesa e a Filmoteca Española, que recebem o ciclo de cinema “Tainted Love” de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata. A terceira tem a ver com a inauguração de novas relações artísticas e parcerias institucionais, nomeadamente co-produções e acolhimentos entre instituições de Lisboa e Madrid, cruzando teatros, museus, centros culturais, cinemas e espaços patrimoniais. Esta dinâmica cruzada entre as duas cidades e países revela a riqueza e a complexidade de um *Camino Irreal* que se desdobra, desafiando as fronteiras geográficas e conceptuais e impulsionando a criação artística para novos territórios. Tiago Rodrigues, Patrícia Portela, Angélica Liddell e Rodrigo García criam performances originais para o Museu Nacional do Prado, em Madrid, “Palavras e gestos: para uma coleção performativa no Museu do Prado”, criando um estreito diálogo com a coleção do museu, num percurso noturno que cruza as linguagens do teatro, da dança e da pintura. Nesta mesma lógica de diálogo entre artes performativas e visuais, propomos, com o TBA, um encontro entre dois artistas, o dramaturgo e encenador espanhol Alberto Cortés com o pintor português João Gabriel, para a criação do espetáculo “Os Rapazes da Praia Adoro”, que por sua vez imagina o encontro entre dois corpos como duas culturas, numa praia imaginária, à distância exata entre Lisboa e Madrid.

Experimentando um formato novo no seu percurso, convidámos Dino D’Santiago a criar uma ópera, “Adilson”. Com libreto a partir do texto original de Rui Catalão e direção musical de Martim Sousa Tavares, o espetáculo é “o retrato de uma sociedade que transforma a existência em burocracia e a identidade em labirinto”, refere o artista, para abordar a história real de Adilson e de outras pessoas migrantes que esperam, anos após ano, por um documento que prove a sua identidade, dignidade e liberdade. A espera e a imigração é também retratada na obra do fotógrafo colombiano Felipe Romero Beltrán, que apresentamos pela primeira vez em Portugal. Utilizando o corpo como metáfora, “Dialecto” reúne obras de vídeo, instalação e fotografia numa exposição que retrata de forma política e poética a opressão burocrática que adolescentes marroquinos enfrentam na sua chegada a Espanha. O que define, quem define, aonde pertencemos? Raquel André, com o seu filme-concerto “Belonging”, questiona o conceito de pertença a partir do mapeamento genético, social, político, cultural e íntimo de diferentes pessoas. Pode a fronteira delimitar a construção de relações e de processos identitários, ou, pelo contrário, ser terreno de fluidez e permeabilidade ao outro? É a partir de uma investigação no terreno, no espaço de fricção e de coexistência cultural da fronteira ibérica, que Niño de Elche & Pedro G. Romero desenvolvem com músicos e historiadores locais um projeto colaborativo que propõe devolver à cultura popular o seu potencial de mestiçagem, de conflito e de reinvenção. Este concerto e conferência-performance serão apresentados em Lisboa e Madrid, tal como o concerto colaborativo que junta a artista multidisciplinar portuguesa Tânia Carvalho com a artista andaluza Rocío Guzmán, que exploram entre o português e o espanhol, entre a melancolia e força, uma convivência entre as suas linguagens musicais e universos performativos. A memória também é lugar de caminhos que

se cruzam – é a partir das impressões e detalhes guardados na memória, como espectadores das peças um do outro, que os coreógrafos e bailarinos Elena Córdoba e Francisco Camacho criam “Uma ficção na dobra do mapa”. Também entre memória e presente, a artista visual Ana Pérez-Quiroga criou o seu primeiro filme que pergunta “De que casa eres?”, um retrato que explora a ligação entre mãe e filha, a partir da história de Angelita Pérez.

O artista angolano Kiluanji Kia Henda oferece-nos um olhar contundente sobre a diáspora e a procura por um “norte” que muitas vezes se revela ilusório. Em “Coral dos Corpos sem Norte”, o artista convida-nos a percorrer um percurso labiríntico que reflete a condição da migração como uma “pemba/mbindi”, um feitiço que nos prende a um ciclo vicioso de partidas e regressos. Tanto no espetáculo de teatro, no TNDMII, como na instalação de grande escala apresentada na Praça do Carvão, no MAAT, o labirinto metálico convida o público a ser estrangeiro, explorando a errância e um destino incerto.

Na BoCA 2025, apresentamos um conjunto de criações que revelam um profundo interesse na exploração da espiritualidade e da ritualidade, reinterpretadas através de lentes diversas. Em “13 Alfinetes”, curta-metragem filmada entre Lisboa e Madrid, encomendada a João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, a fé e a devoção são filtradas por um olhar irónico e sensual, questionando o lugar do sagrado num mundo secularizado. Marcos Morau revisita, em “Totentanz”, a tradição medieval da “dança da morte” como um ritual coletivo para os nossos tempos, confrontando-nos com a fragilidade da vida e o mistério da mortalidade num mundo que naturalizou a violência. A coreógrafa espanhola Candela Capitán apresenta-se pela primeira vez em Lisboa, com o espetáculo “SOLAS” – um mergulho no universo digital para expor a alienação e a erotização do corpo feminino na era da hipervisibilidade, questionando os rituais de vigilância e a exposição nas redes sociais. Por fim, “Ocean Cage” marca o regresso do artista chinês Thianzuo Chen a Lisboa, em diálogo com o coreógrafo e bailarino indonésio Siko Setyanto. Este espetáculo imersivo transporta-nos para um ritual ancestral de caça à baleia na costa de Lamalera, na Indonésia, explorando a interdependência entre espécies e a procura por uma justiça mais-que-humana, ao cruzar-se tradição, ecologia, espiritualidade e tecnologia. Estreando-se em Portugal, a dupla de músicos e coreógrafos catalães Aurora Bauzá & Pere Jou apresentam no Panteão Nacional “A Beginning”, um espetáculo que cruza canto e coreografia, que explora a tensão entre o individual e o coletivo, numa experiência sensorial e poética. Através destes caminhos não lineares, estas criações desafiam-nos a questionar as nossas crenças e rituais, a confrontar os nossos medos e a re-imaginar o nosso lugar no mundo. Continuando a propor uma interdependência entre práticas artísticas e natureza, a BoCA convidou a artista Adriana Proganó a criar uma instalação para o espaço público natural. “Echoes of whispers, plimply” convida o público a ver, mas sobretudo a escutar, expandindo a percepção sonora a partir do solo. Já “Yo No Tengo Nombre”, a instalação performativa que o coletivo catalão El Conde de Torrefiel apresenta na Estufa Fria, em várias sessões diárias, inverte a relação entre observador e observado, propondo uma via onde a natureza se torna protagonista e narradora. Por seu lado, o ciclo de performances “Quero ver as minhas montanhas”, inspirada no legado de Joseph Beuys e na sua visão da arte como força motriz da mudança social, convida artistas como Isabel Cordovil ou Gemma Luz Bosch a trilhar o seu “eu”, as suas próprias montanhas, através de intervenções efémeras em espaços naturais de Lisboa e Madrid.

A poesia da mexicana Elvis Guerra, declamada em zapoteca, convida-nos a trilhar um “Camino Irreal” através da linguagem e da cultura, explorando a identidade muxe e as tradições do

Istmo de Tehuantepec, resgatando memórias ancestrais e perpetuando a sua herança. A performance do artista guatemalteco Naufus Ramírez-Figueroa, “De Espiral em Espiral”, traça um “Camino Irreal” através do tempo, revisitando as cartas coloniais como símbolos de controlo e resistência, subvertendo as marcas do passado e criando uma espiral de renovação. Já o artista espanhol residente em Lisboa, Julián Pacomio, com “Toda la Luz del Mediodía” e “Os Teus Mortos”, propõe um ciclo solar: expõe as diferentes intensidades da luz e a sua influência no corpo e no espírito, convida-nos a abraçar a escuridão como um espaço fértil de transformação e a honrar os nossos mortos.

A BoCA 2025 presta também homenagem àqueles que trilharam caminhos desafiantes, tornando-se exemplos de coragem, de inspiração e resiliência. Transformando o Panteão Nacional numa espécie de tribunal expandido, Milo Rau e Servane Dècle apresentam “O Julgamento de Pelicot”, um tributo a Gisèle Pelicot, que converte a vergonha em denúncia e a dor em luta contra a violência de género. Viaja a Madrid a escultura-forno “Alcindo Monteiro”, do artista argentino Gabriel Chaile, que perpetua a memória do jovem português assassinado num crime racista, com ativações performativas de artistas e comunidades locais do bairro de Lavapiés. E Chrystabell, em “The Spirit Lamp”, invoca o legado visionário de David Lynch, apresentando em Lisboa um concerto performativo que revela o mistério e o amor que atravessa a sua estreita colaboração musical, que abrange mais de um quarto de século.

A 5ª edição da bienal BoCA percorre um *Camino Irreal* que desafia fronteiras geográficas, culturais e conceptuais. Neste percurso, o público é convidado a percorrer os meandros do corpo, da memória e da linguagem, à procura de outtos mapas possíveis para um mundo em constante mudança.

JOHN ROMÃO
Curador

ARTISTAS

Adriana Proganó^{PT}
Alberto Cortés^{ES}
Alberto Cortés^{ES} & João Gabriel^{PT}
Ana Pérez–Quiroga^{PT}
Angélica Liddell^{ES}
Aurora Bauzà & Pere Jou^{ES}
Candela Capitán^{ES}
Chrystabell^{USA}
Deborah Krystall^{PT}
Dino D’Santiago^{PT}
El Conde de Torrefiel^{ES}
Elena Córdoba^{ES}
Elena Córdoba^{ES} & Francisco Camacho^{PT}
Elvis Guerra^{MX}
Felipe Romero Beltrán^{CO/FR}
Gabriel Chaile^{AR/PT}
Gemma Luz Bosch^{ES}
Isabel Cordovil^{PT}
João Pedro Rodrigues & João Rui Guerra da Mata^{PT}
Julián Pacomio^{ES/PT}
Kiluanji Kia Henda^{AO}
Maria Reis^{PT}
Marcos Morau^{ES}
Milo Rau^{CH} & Servane Dècle^{FR}
Naufus Ramírez–Figueroa^{GT}
Os Espacialistas^{PT}
Patrícia Portela^{PT}
Pedro G. Romero & Niño de Elche^{ES}
Raquel André^{PT}
Rodrigo García^{AR/ES}
Seba Calfuqueo^{CL}
Sofia Dias e Vítor Roriz^{PT}
Tânia Carvalho^{PT} & Rocío Guzmán^{ES}
Tiago Rodrigues^{PT}
Tianzhuo Chen^{CN} & Siko Setyanto^{IDN}
Tristany Mundu^{PT}

LISBOA

Teatro Nacional D.Maria II
Centro Cultural de Belém
Culturgest

CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

MAC/CCB – Museu de Arte Contemporânea e Centro
de Arquitetura

Teatro do Bairro Alto

Galerias Municipais EGEAC – Galeria Quadrum

Panteão Nacional

MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado

Cinemateca Portuguesa

Carpintarias de São Lázaro

Teatro da Garagem / Teatro Taborda

Academia das Ciências de Lisboa

Estufa Fria de Lisboa

Sociedade Nacional de Belas Artes

Cinema Fernando Lopes

8 Marvila

A Voz do Operário

MADRID

Museo Nacional del Prado

Nave de Ternerias

TBA21 Thyssen-Bornemisza Art Contemporary /

Museo Reina Sofía

Museo Nacional del Traje

Teatro de la Abadía

La Casa Encendida

Esta es una plaza

Filmoteca Española

Réplika Teatro

Sala Berlanga

INAEM / Compañía Nacional de Danza

Goethe-Institut Madrid

Gabriel Chaile ^{AR/PT}
Alcindo Monteiro

Esto es una plaza / La Casa Encendida, Madrid
Instalação: 13.09 – 13.10

13.09

Batucada Batuko Tabanka, Batucada Sico Bana, Mayra Adam Chale

20.09

Agnes Essonti, Megane Mercury

11.10

Gabriel Chaile, Estefanía Santiago



A escultura-forno “Alcindo Monteiro” de Gabriel Chaile presta homenagem ao jovem português de origem cabo-verdiana assassinado em 1995, em Lisboa, num crime racista que se tornou símbolo da luta contra o racismo em Portugal. Criada em barro e com traços antropomórficos, a peça integra a investigação de Chaile sobre a memória coletiva e os rituais comunitários em torno da comida, articulando saberes ancestrais e práticas artesanais com o presente.

Após a sua inauguração em Lisboa, na Praça do Carvão do MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, no âmbito da BoCA 2023, a obra é apresentada pela primeira vez em Madrid, em parceria com La Casa Encendida, no espaço Esto es una plaza, no bairro de Lavapiés.

Ao longo de três tardes, a instalação será acompanhada por um programa público com ativações musicais e performativas, ampliando o diálogo entre práticas artísticas, território e comunidades locais.

“Alcindo Monteiro” é uma obra comissionada e produzida pela BoCA para a Bienal de 2023, tendo sido inaugurada na praça exterior do MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, em Lisboa.

Felipe Romero Beltrán^{CO/FR}

Dialecto

Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa
Carpintaria de São Lázaro, Lisboa
10.09 – 28.09



Em “Dialecto”, o artista colombiano Felipe Romero Beltrán convoca a poética da fotografia social, do documentário, da performance e da coreografia para questionar, social e politicamente, o tempo morto da burocracia que enfrentam os jovens migrantes apanhados nos meandros do sistema judicial espanhol.

Apresentado pela primeira vez de forma integral, entre o MNAC e as Carpintarias de São Lázaro, “Dialecto” acompanha ao longo de três anos nove jovens migrantes marroquinos exilados num limbo *kafkiano* em Sevilha, no sul de Espanha. Quando os migrantes menores de idade entram ilegalmente no país e não podem ainda ser considerados adultos, ficam à custódia do Estado, que os submete a um longo processo de quase três anos para poderem obter o seu estatuto legal.

Neste estado de suspensão e liminalidade, o artista aborda o corpo como metáfora: mediante uma linguagem cuidadosamente articulada entre a fotografia, a performance e a colaboração coreográfica, o peso do tempo morto fica registado sobre os ombros destes jovens, dialogando com as suas memórias, viagens e a humilhante mundanidade da espera e da imigração. Reunindo obras de vídeo, instalação e fotografia, “Dialecto” abre novos caminhos documentais que lançam um olhar crítico sobre as práticas da opressão burocrática, não apenas em Espanha, mas também em Portugal.

Naufus Ramírez-Figueroa ^{GT}

De Espiral em Espiral

Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid
11.09, 12.09

MAC/CCB Museu de Arte Contemporânea, Centro de Arquitetura, Lisboa
20.09



“De Espiral em Espiral” é a nova performance do artista visual Naufus Ramírez-Figueroa, comissionada pela TBA21 e co-produzida pela BoCA Bienal, como parte da sua exposição individual do artista no Museo Reina Sofía. A peça dá continuidade ao seu trabalho de desmontagem de narrativas hegemónicas, colocando a performance como um campo de tensão entre história oficial e práticas marginais.

Tomando como ponto de partida os baralhos de cartas — artefactos coloniais regulados com rigor pela Coroa Espanhola como forma de controlo económico e simbólico — Ramírez-Figueroa traça um percurso sinuoso entre imposição e desvio, poder e feitiçaria. Na sua família, essas mesmas cartas, outrora instrumento de jogo e de lucro imperial, tornaram-se ferramentas de adivinhação nas mãos das mulheres, veículos de sobrevivência e transmissão de saberes ocultos.

“De Espiral em Espiral” invoca esse desvio como forma de resistência: a partir de um gesto íntimo, subverte-se a lógica do império. A performance transforma o palco num espaço onde o político e o afetivo se entrelaçam, e onde o corpo do artista se torna um médium entre temporalidades, geografias e linguagens. Num tempo em que o passado colonial continua a reverberar, “De Espiral em Espiral” propõe uma leitura sensível das suas marcas — não como arquivo morto, mas como espiral viva que insiste em reaparecer.

João Pedro Rodrigues & João Rui Guerra da Mata ^{PT}

Malamor / Tainted Love

Cinemateca Portuguesa, Lisboa
11.09 – 15.10

Filmoteca Española, Madrid
13.09 – 23.10



“Malamor / Tainted Love” é o nome do ciclo de cinema que junta a BoCA, a Cinemateca Portuguesa e a Filmoteca Española, numa colaboração dedicada ao cinema como território afetivo, político e inclassificável. João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata respondem à rubrica “Realizadores Convidados”, da Cinemateca Portuguesa, com uma carta branca em forma de espelho: uma seleção de filmes próprios em diálogo com obras de outros realizadores que atravessam décadas, geografias e géneros cinematográficos.

Inspirado simultaneamente pela canção “Tainted Love” e pelo neologismo “malamar” de Carlos Drummond de Andrade, este ciclo — com cerca de 60 filmes e 25 sessões — propõe um itinerário vertiginoso entre o desejo e o desencanto, o amor e o seu reverso. De António Giménez-Rico a Almodóvar, de John Waters a Fassbinder, de Lucio Fulci a Tsai Ming-Liang, de Derek Jarman a Jean-Luc Godard, a seleção revela um gosto cinéfilo radical, por vezes desconcertante, onde o prazer da descoberta se impõe à lógica da canonização.

O ciclo decorre entre setembro e outubro, simultaneamente em Lisboa e Madrid, e inclui ainda duas criações inéditas: a estreia mundial da curta-metragem “13 Alfinetes”, encomendada pela BoCA e rodada entre Lisboa e Madrid, e a instalação fílmica “Sem Antes Nem Depois”, patente na Sociedade Nacional de Belas Artes.

João Pedro Rodrigues & João Rui Guerra da Mata ^{PT}

Sem Antes Nem Depois

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa

11.09 – 10.10



Partindo do seu filme “Onde Fica Esta Rua? ou Sem Antes Nem Depois” (2022), realizado em plena pandemia e filmado em 16 mm, os dois cineastas propõem agora um dispositivo de diálogo com o filme “Os Verdes Anos” (1963), obra inaugural de Paulo Rocha e do Novo Cinema Português.

“Sem Antes Nem Depois” é uma instalação fílmica de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, que convoca o passado para interrogar o presente. Não se trata de um remake, nem de uma homenagem nostálgica, mas de uma fricção entre dois tempos e dois olhares: Lisboa em 1963 e Lisboa entre 2019 e 2021; juventudes desencontradas, geografias em mutação, silêncios que se acumulam. Os próprios realizadores descrevem os filmes como gémeos dizigóticos de uma mesma partitura — obras separadas por seis décadas que, colocadas lado a lado, iluminam-se e confrontam-se mutuamente.

A instalação propõe ao público essa justaposição sensível: lado a lado, duas imagens da mesma cidade, dois ritmos, dois modos de escutar o tempo e o espaço urbano. O que mudou? O que permanece? E, sobretudo, como ver (ou rever) a realidade a partir do cinema?

“Sem Antes Nem Depois” é um gesto de montagem expandida, onde o cinema se transforma em instalação e o espectador é convidado a entrar nessa dobra entre épocas — não para comparar, mas para sentir o estranhamento de um mundo que já não é o mesmo, embora continue a ser o nosso.

Dino D'Santiago ^{PT} *Adilson*

Centro Cultural de Belém, Lisboa
12.09 – 14.09

Theatro Circo (Braga)
19.09

Teatro das Figuras (Faro)
24.10, 25.10

Teatro Aveirense (Aveiro)
07.11



Numa encomenda e produção original da bienal BoCA, Dino D'Santiago foi desafiado a estreiar uma ópera, que cruza história, cultura e a identidade multicultural portuguesa.

“Adilson” é uma ópera em cinco atos dirigida por Dino D'Santiago, a partir do texto original “Serviço Estrangeiro” de Rui Catalão e direção musical de Martim Sousa Tavares.

Acompanhamos a jornada de um homem afrodescendente, nascido em Angola, filho de pais cabo-verdianos, que vive há mais de 40 anos em Portugal – sem nunca ter obtido cidadania portuguesa. Chamado D'Afonso pelos amigos, Nuno pela família, Adilson no passaporte, a sua vida desenrola-se entre salas de espera, processos adiados e um labirinto burocrático que o impede de ser plenamente reconhecido pelo país onde sempre viveu.

Mais do que um indivíduo, Adilson representa milhares de pessoas deixadas nas margens do sistema. A ópera transforma a espera em poesia e faz da invisibilidade um ato de resistência. No culminar da obra, ouve-se o grito que ecoa para além do palco: “Eu não sou português. Eu sou Portugal. Um país à espera.”

Abordando temas como a injustiça social, a discriminação, a fragilidade humana e a esperança, esta primeira incursão de Dino D'Santiago no território da ópera assinala igualmente os cinquenta anos do fim da presença militar portuguesa em terras coloniais nos territórios africanos.

Julián Pacomio ^{ES/PT}
Toda la Luz del Mediodía

Teatro Nacional D.Maria II, Sala Estúdio Valentim de Barros – Jardins do Bombarda, Lisboa
13.09, 14.09



“Toda la Luz del Mediodía” é a segunda parte da Trilogía del Sol, projeto de longa duração do artista extremenho e residente em Lisboa, Julián Pacomio. Depois de um amanhecer que se confunde com o fim de uma rave — em “Apocalipsis entre amigos o El Día Simplemente” — Pacomio desloca agora a atenção para o meio-dia, essa hora absoluta em que a luz cai vertical sobre o mundo e tudo parece exposto, pleno, sem sombra.

Nesta peça, o zénite da luz convoca também o seu contrário: o cansaço, o torpor, a suspensão. A luz do meio-dia não ilumina apenas — pesa. É nesse instante que o corpo abandona a verticalidade e se entrega à horizontalidade da sesta, como um burro exausto que se deita à sombra. O trabalho opera sobre essa passagem: do excesso de energia à quietude, da hiper-exposição ao apagamento.

“Toda la Luz del Mediodía” procura trazer essa hora solar para um espaço interior. Como traduzir cenicamente uma luz que é tanto física como simbólica? Como encenar um tempo que, paradoxalmente, é estático e intenso? A peça é uma coreografia do quase-nada, uma atenção ao corpo no seu ponto de colapso — entre o calor e o repouso, entre o visível e o apagado.

Com este segundo capítulo, Pacomio prossegue uma investigação singular sobre o tempo, a luz e o corpo como paisagem sensível, onde a cena se torna lugar de radiação e de espera.

Adriana Proganó ^{PT} *Echoes of whispers, plimplim*

Galerias Municipais EGEAC – Galeria Quadrum, Lisboa
19.09 – 26.10



A convite da BoCA, Adriana Proganó cria “Echoes of whispers, plimplim”, a sua primeira instalação para o espaço natural e exterior. Esta obra enquadra-se no ciclo de colaboração entre a BoCA e a Galerias Municipais EGEAC, definido pela encomenda de instalações para o espaço exterior da Galeria Quadrum, retomando um ciclo iniciado em 2017 (Musa paradisiaca, “Casa-animal”) e 2019 (Tania Bruguera, “Narciso”).

A instalação de Proganó combina escultura e som para explorar a relação entre corpo e escuta. Através de três esculturas figurativas dispostas no espaço verde, o público é convidado a perceber sonoridades provenientes de lugares inusitados, expandindo a sua dimensão da escuta, proveniente do solo.

Com uma prática que atravessa pintura, escultura e instalação, artista vencedora dos Prémios Jovens Artistas EDP 2021, Adriana Proganó constrói um imaginário que reflete normas e estruturas estabelecidas, criando personagens e objetos que transitam por diferentes territórios, propondo novas formas de relação com o espaço.

Tianzhuo Chen ^{CN} & Siko Setyanto ^{IDN} *Ocean Cage*

Culturgest, Lisboa
19.09, 20.09



O fascinante universo do artista chinês Tianzhuo Chen regressa a Portugal, depois da sua primeira marcante passagem pelo país, na abertura da BoCA Bienal 2017.

“Baleo! Baleo!” Quando este grito ecoa na costa de Lamalera, na Indonésia, significa que os pescadores avistaram uma baleia e que os antepassados se revelarão e concederão a sua bênção à aldeia. O oceano abre-se e oferece os seus dons. É um chamamento que desafia o destino e existe há séculos, entre luta, culto e redenção.

O espetáculo “Ocean Cage” é inspirado nas histórias dos habitantes de Lamalera e centra-se em questões de solidariedade, coexistência económica e ecossistemas em vias de desaparecimento. O público é convidado a mergulhar neste universo, repensando as relações de interdependência entre espécies e uma justiça mais-que-humana.

Num cenário imersivo criado pelo artista visual e realizador Tianzhuo Chen, “Ocean Cage” combina instalação, dança e cinema, criando o espaço da performance onde Siko Setyanto assume diferentes personagens. Com os músicos indonésios Kadapat e Nova Ruth, cria-se um turbilhão visual, coreográfico e musical onde tradição e ecologia, espiritualidade e tecnologia, se entrelaçam.

Kiluanji Kia Henda ^{AO} *Coral dos Corpos sem Norte*

TNDMII / Sala Estúdio Valentim de Barros – Jardins do Bombarda
20.09, 21.09

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura, Tecnologia, Praça do Carvão, Lisboa
Instalação: 04.10 – 03.11
Performances: 05.10, 12.10, 19.10



Kiluanji Kia Henda cria, a convite da BoCA, um projeto que assume dois formatos distintos: primeiro, um espetáculo de teatro, apresentado em parceria com o Teatro Nacional D. Maria II; de seguida, uma instalação de grande escala que contempla ativações performativas pontuais, apresentado em parceria com o MAAT.

No deserto angolano, outrora o fundo de um mar, viajantes que retornam às suas terras podem ser alvos de “pemba/mbindi”, feitiço para mantê-los na comunidade sem que estes consigam voltar a partir. “Coral dos Corpos sem Norte”, pensa a migração como um processo da pemba. O ir como um voltar. A viagem como um ficar no sítio. Uma maldição que nos acompanha a cada passo e nos leva de regresso ao ponto de partida. Um caminho de círculos concêntricos sem início e sem final. A condição de diáspora, forçada ou escolhida, faz parte da condição humana. Porém, nesse movimento, ao invés de paraísos temo-nos deparado com infernos militarizados. Especialmente aqueles que acreditam numa vida possível no continente europeu, encontram uma realidade atroz. Segundo o artista, a Europa tentou construir desde o Iluminismo uma imagem de razão, paz e moralidade, sendo a força supremacista que colonizou o continente africano, um continente que mesmo após a independência, não conseguiu lograr um lugar de paz para poder albergar os seus. O Mar Mediterrâneo tornou-se assim, um cemitério de corpos sem norte. Um cemitério das vidas ceifadas na tentativa desesperada de travessia.

Kiluanji Kia Henda. *The Geometric Ballad of Fear (Sardegna) IV*, 2019.
Cortesia do artista, da Galleria Fonti, Nápoles.

Elena Córdoba^{ES} & Francisco Camacho^{PT}

Uma ficção na dobra do mapa

Nave de Ternerias del Centro Cultural Casa del Reloj, Madrid
22.09

Carpintaria de São Lázaro, Lisboa
27.09, 28.09



“Uma ficção na dobra do mapa” é um reencontro com a memória, a ficção e o corpo como lugar de arquivo. Dez anos depois do primeiro cruzamento entre os dois coreógrafos e bailarinos, a espanhola Elena Córdoba e o português Francisco Camacho, nasce uma nova dobra nesse mapa de afetos e rastos partilhados. Um convite da bienal BoCA para revisitar um gesto inaugural — esse momento em que dois criadores se encontraram não como biografias, mas como vestígios um do outro.

Durante anos, só se conheciam pelas suas peças. O diálogo era indireto, mediado por coreografias, presenças, tensões. Em 2014, o Festival Citemor propôs-lhes um encontro: criar a partir das impressões e detalhes que tinham guardado na memória das peças do outro. O resultado foi uma partilha radical de corpos e percursos — Francisco no corpo de Elena, Elena no corpo de Francisco. Uma ficção construída a partir da dobra sensível entre dois mapas artísticos.

Agora, regressam a esse lugar movente, conscientes de que a memória não é estática e de que o tempo transforma tudo — inclusive o modo como habitamos o que criámos. Esta nova iteração de “Uma ficção na dobra do mapa” não pretende reconstruir o passado, mas observar como ele ressoa hoje. O que permanece? O que se perde? O que se reconfigura? Juntos em palco, os dois artistas focam-se no reencontro com o outro no espelho da criação — uma dança entre ecos, transformações e novas ficções possíveis.

Tiago Rodrigues ^{PT} com Sofia Dias & Vítor Roriz ^{PT},
Patrícia Portela ^{PT}, Angélica Liddell ^{ES}, Rodrigo García ^{ES}
*Palavras e gestos: para uma coleção performativa
no Museu do Prado*

Museo Nacional del Prado, Madrid
27.09, 28.09, 05.10



Em parceria com o Museo Nacional del Prado, em Madrid, a BoCA propõe o ciclo “Palavras e Gestos: para uma coleção performativa no Museo del Prado”. Com uma abordagem interdisciplinar, que inclui as artes visuais (obras da coleção do Museu), o teatro (textos originais de dramaturgos do espaço ibérico) e a dança (alguns dos intérpretes), o ciclo propõe a apresentação de um percurso por quatro novas criações em estreia mundial.

“Palavras e Gestos” consiste num ciclo que convida quatro artistas de teatro – Tiago Rodrigues (PT) com Sofia Dias & Vítor Roriz (PT), Patrícia Portela (PT), Angélica Liddell (ES) e Rodrigo García (AR/ES) – a escrever e dirigir criações inspiradas em obras da coleção do Museu do Prado: “Perro semihundido” de Francisco de Goya, ““El 2 de mayo de 1808 en Madrid o La lucha con los mamelucos” e “El 3 de mayo en Madrid o Los Fusilamientos” de Francisco de Goya, as oito Musas de la Villa Adriana e “Marte” de Diego Velázquez, respectivamente.

Apresentadas em quatro salas distintas, cada performance, com duração aproximada de 30 minutos, constitui um percurso coletivo que o público é convidado a fazer, num Museu do Prado noturno e à porta fechada.

Quero Ver as Minhas Montanhas

Lisboa & Madrid



Em 2021, no centenário de Joseph Beuys, a BoCA inaugurou o projeto “A Defesa da Natureza”, uma proposta a dez anos que parte da ação *7.000 carvalhos* para pensar a ecologia como gesto artístico e coletivo. Inclusivo e participativo, o projeto convida cidadãos a plantar árvores e a nomeá-las, numa prática que prolonga a ideia de Beuys de que “todos podemos ser artistas”. A este gesto inicial sucede-se a criação de performances, encontros e debates, aliando programação artística à criação de espaços naturais.

Foi neste contexto que nasceu no mesmo ano o ciclo “Quero ver as minhas montanhas”, com curadoria de Delfim Sardo e Sílvia Gomes. Artistas como Sara Bichão, Diana Policarpo, Dayana Lucas, Gustavo Sumpta, Gustavo Ciríaco, Musa paradisiaca e o coletivo Berru criaram intervenções em paisagens naturais de Lisboa, Almada e Faro.

Nesta 5ª edição da BoCA Bienal, o ciclo regressa para reafirmar a sua vocação de atravessamento entre geografias e práticas. Três artistas, Isabel Cordovil, Gemma Luz Bosch e Janet Novás, assumem o desafio de revisitar o legado de Beuys a partir das suas próprias montanhas — reais, simbólicas ou interiores. Entre as artes plásticas e performativas, cada intervenção inédita e efémera inscreve-se simultaneamente em Lisboa e Madrid, desenhando uma “caminho” entre as duas cidades e propondo novas afinidades entre arte e natureza.

Isabel Cordovil ^{PT}
Historia do Escudo

Goethe-Institut Madrid, Madrid
27.09

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa
28.10



Da Idade do Bronze às urgências ambientais do presente, esta performance investiga a evolução do escudo como objeto de proteção, transformando a defesa num gesto poético e político. Através de uma narrativa que cruza arqueologia, ativismo e ficção, o trabalho revela a continuidade entre os escudos que protegem corpos humanos e aqueles improvisados para defender corpos não humanos, como as árvores urbanas.

O ponto de partida da pesquisa são os protestos madrilenos de 2004, nos quais os manifestantes criaram barreiras humanas para salvar as árvores do Paseo del Prado. Inspirada por este ato, a performance projeta um novo capítulo para essa história: a apresentação de um “Escudo Anti-Abate” concebido para a polémica de 2025 em Lisboa, onde os jacarandás da Avenida 5 de Outubro estão ameaçados.

A performance convida o público a uma caminhada reflexiva, com início no Goethe-Institut, em Madrid, e na Biblioteca Nacional, em Lisboa, rumo ao local da ação, reimaginando coletivamente a relação entre cuidado, resistência e espaço público.

Gemma Luz Bosch ^{ES}

El Sonido del Barro

Parque de El Retiro, Madrid
28.09

Lisboa
25.10



Fascinada pelas texturas sonoras que o barro pode gerar, Gemma Luz Bosch cria instrumentos de cerâmica que transformam matéria em música. Nesta performance, a artista conduz o público por um percurso íntimo, onde cada vibração desperta a escuta e convida a aterrar num espaço natural no coração da cidade. Um encontro sensorial que funde artesanato, som e paisagem, revelando a poesia escondida na terra moldada.

Ana Pérez-Quiroga ^{PT}

¿De qué casa eres?

Cinema Fernando Lopes, Lisboa
01.10



A artista visual Ana Pérez Quiroga criou o seu primeiro filme e, com ele, uma performance que estende a relação com este. Entre a história pessoal e a memória coletiva, “De qué casa eres?” parte da vida de Angelita Perez — uma das quase 3.000 crianças espanholas exiladas na União Soviética durante a Guerra Civil Espanhola — para traçar um mapa de afectos, distâncias e sobrevivências. Dos internatos russos, onde viveu dos 4 aos 24 anos, às canções e histórias que partilha com a filha realizadora, o filme é um gesto de transmissão entre gerações, onde recordar é também reinterpretar.

Associado à projeção do filme, na performance criada para a BoCA 2025, “De qué casa eres? – performance #1”, o palco prolonga essa cartografia da memória. Uma mesa de jogo, um candeeiro, um banco: elementos que convocam a intimidade do lar e o espaço do jogo. Vestindo o fato-macaco azul que atravessa o filme, a artista desloca esses símbolos para um território entre o vivido e o imaginado, entre a terra natal e o país de exílio, entre a presença e a ausência.

Aqui, o gesto cénico não se limita a evocar lembranças: ativa novas possibilidades de relação entre mãe e filha, entre indivíduo e história, fazendo da cena um espaço de escuta e invenção.

Pedro G. Romero & Niño de Elche^{ES}

Descomposición / Choro

CAM – Centro de Arte Moderna / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
03.10

Museo Nacional del Traje, Madrid
09.10



Encomendado pela BoCA, este projeto junta Niño de Elche — figura ímpar da cena musical e performativa espanhola, de identidade “ex-flamenca” — e Pedro G. Romero — artista visual e investigador, Prémio Nacional de Artes Plásticas de Espanha em 2024 — em torno de um projeto com dois formatos: a conferência-performance, de Pedro G. Romero, e o espetáculo com Niño de Elche e músicos populares da raia ibérica.

Num tempo em que a cultura popular ainda carrega os traços da sua instrumentalização pelas ditaduras ibéricas, este projeto recupera a sua vocação original: mestiça, fluida, permeável ao outro. Ao longo de um período de pesquisa e criação no terreno fronteiriço ibérico, entre Portugal e Espanha, Pedro G. Romero e Niño de Elche procuraram ativar práticas de colaboração que desafiam as formas cristalizadas da tradição, expondo a sua fricção com o presente, e que os transportou do fandango ao tango português ou da viola campaniça à liturgia sefardita.

Mais do que recolha ou reinterpretação, este projeto colaborativo propõe um gesto artístico e político: devolver à cultura popular o seu potencial de mestiçagem, de conflito e de reinvenção.

Com “Descomposición/Choro”, Pedro G. Romero reconstrói e expõe conexões sonoras que mapeiam a relação das práticas culturais populares das comunidades com o espaço ibérico, físico e afetivo. Esta conferência-performance assume-se como uma escuta da fronteira que recusa a sua conotação como linha de separação, mas que a abraça como zona vibrante de encontros e tensões, onde a música, a língua e as práticas coletivas continuam a (re)escrever histórias por vir.

Niño de Elche & Pedro G. Romero ^{ES}

El cante rasgueado

Anfiteatro ao ar livre / CAM-FCG, Lisboa
Concerto: 04.10

Museo Nacional del Traje, Madrid
Concerto: 11.10



Na raia que separa — ou une — o sul de Portugal, Huelva e a Extremadura, o som opera como um elo de ligação entre geografias e histórias. Aí se escutam o cante alentejano com as suas violas campaniças, o fandango cané de Alosno entoado por grupos de homens sobre o rasgueado incessante das guitarras, ou ainda os tangos e jaleos luso-extremenhos transmitidos por comunidades ciganas.

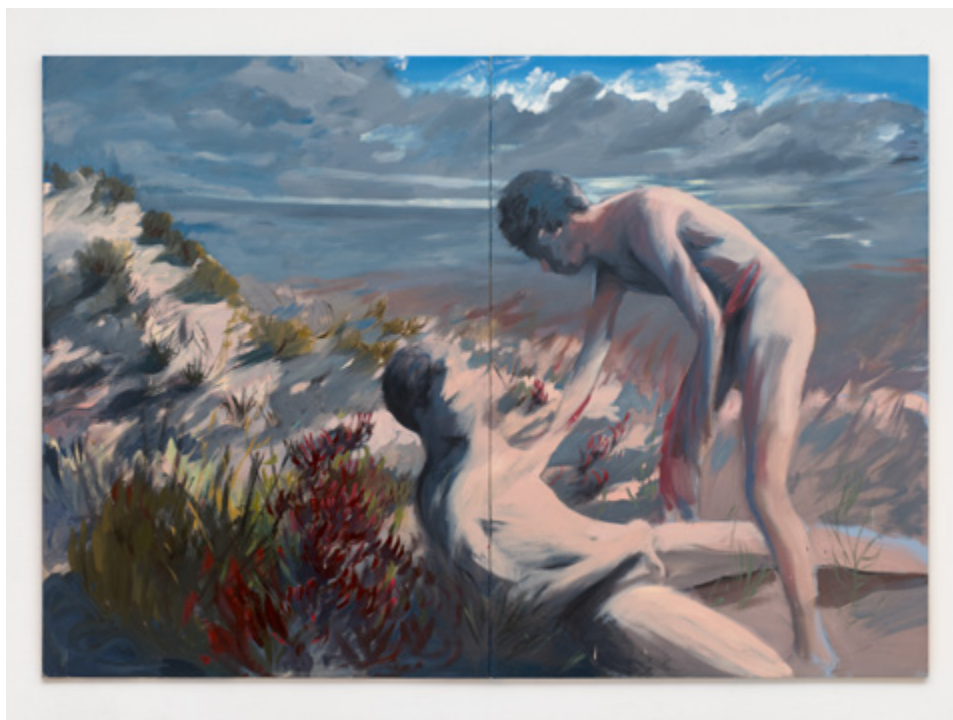
É neste território permeável que Niño de Elche e Pedro G. Romero desenvolvem o concerto performativo “El Cante Rasgueado”, a partir de um processo de investigação no terreno, junto de músicos e historiadores locais. Mais do que recolher ou documentar, a proposta é um gesto de reinvenção: mapear as linhas de continuidade e fricção entre manifestações populares que coexistem na fronteira ibérica, abrindo espaço a novas formas de escuta, apropriação e encontro.

Neste contexto, cantar ou rasguear não são apenas gestos técnicos ou expressivos — são actos coletivos, formas de estar com os outros. A partir desta premissa, Niño de Elche e Pedro G. Romero reativam o potencial comunitário da cultura popular, recusando leituras folclóricas ou cristalizadas, apresentando um concerto inédito com a colaboração de músicos que desafiam as formas cristalizadas da tradição, expondo a sua fricção com o presente.

Alberto Cortés^{ES} & João Gabriel^{PT} *Os Rapazes da Praia Adoro*

Teatro de la Abadía, Madrid
03.10, 04.10

Teatro do Bairro Alto, Lisboa
25.10, 26.10



O espetáculo “Os Rapazes da Praia Adoro” nasce de um convite conjunto da BoCA com o Teatro do Bairro Alto. Uma nova criação que propõe um diálogo singular entre dois artistas, um português e um espanhol, e entre dois campos artísticos, o teatro e a pintura.

Nas pinturas de João Gabriel vislumbravam-se fantasmas errantes nas praias. Nas peças do dramaturgo e encenador Alberto Cortés reconhecem-se palavras e corpos que se revelavam como paisagens. Deste encontro surge a visão de dois corpos masculinos, um português e outro espanhol, que se encontram numa praia a meio caminho entre Lisboa e Madrid, a uma distância precisa de 312,45 quilómetros de cada cidade. Essa praia, intitulada Praia Adoro, assume-se como uma odisseia, um buraco espaço-temporal e um paraíso *queer*.

Na Praia Adoro, estes dois corpos unem-se, fundindo-se na intimidade dos recantos naturais que oferecem os espaços de cruising. Unem-se para se reconhecerem, relacionando-se sexualmente num ato íntimo que procura saldar as dívidas pendentes entre dois países que vivem de costas um para o outro. Tomando como referência a intimidade presente no arquivo audiovisual do cinema pornográfico dos anos 70 e 80 que inspira as pinturas de João Gabriel, as palavras sobrepõem-se a esses corpos, imaginando outra forma de intimidade gay, também atravessada pela delicadeza e pela poesia. Supõem-se outras formas de entender o sexo entre homens, talvez como uma necessidade atual de que seja uma ação curativa. Porque assim o desejam.

Tristany Mundu ^{PT}
Ensaaios de uma cidade à volta de uma cidade

Espaço BoCA, Lisboa
04.10



“Ensaaios de uma cidade volta de uma cidade” é uma performance acústica que propõe uma reflexão sensível sobre os movimentos da cidade e das suas margens. A performance cria um espaço de escuta e contemplação, onde a identidade, a memória coletiva e a relação entre centro e território se cruzam. Um ensaio sonoro e performativo que ecoa as diferentes camadas de pertença e deslocação que habitam o espaço urbano.

Tristany Mundu é um artista transdisciplinar, músico, performer, artista visual, produtor, diretor criativo e curador português de ascendência angolana. Através da sua arte transdisciplinar, expressa a sua maneira de sentir, criando uma multiplicidade de ritmos, com sonoridades cruas e estímulos visuais diversificados, representando todas as culturas nas quais se sente inserido. É membro do coletivo Unidigrazz. Em 2018 lançou o single “Rapepaz”. “Meia Riba Kalxa”, o seu primeiro álbum, lançado em 2020, dá voz a uma série de experiências do quotidiano que o rodeia.

El Conde de Torrefiel^{ES}

Yo No Tengo Nombre

Estufa Fria, Lisboa

9.10 – 15.10



O coletivo teatral catalão El Conde de Torrefiel expande, com esta obra, os limites do teatro e da instalação, propondo uma experiência imersiva onde ver se transforma em imaginar — e imaginar em responsabilidade.

“Yo No Tengo Nombre”, de El Conde de Torrefiel, é uma instalação performativa que convida o público a um exercício de contemplação e deslocamento. Apresentado na Estufa Fria de Lisboa, esta paisagem natural encenada torna-se protagonista: é cenário e personagem, narradora e silêncio. Um ecrã LED apresenta-se nesse espaço como um corte — ou uma legenda — que transforma a natureza num discurso, oferecendo ao público uma linguagem que não pertence à paisagem, mas que a atravessa.

O texto projetado alterna entre o poético e o profético, entre a ficção e o real, revelando as tensões da relação entre o ser humano e a sua origem natural. Que histórias conta a natureza sobre nós? Que ficções sustentam o nosso olhar sobre ela? “Yo No Tengo Nombre” propõe uma inversão radical do lugar tradicional do observador/espectador: e se for a natureza a olhar-nos, a nomear-nos, a interpretar os nossos gestos?

Disposto no espaço exterior, o ecrã LED não explica, mas faz surgir. Não traduz, mas amplifica. É uma superfície de pensamento que vibra em contraste com o silêncio vivo do ambiente. Uma leitura coletiva da paisagem que se torna um gesto político e sensível, lançando luz sobre o impercetível e sobre os mecanismos narrativos — culturais, históricos, mitológicos — que moldam a nossa perceção do mundo natural.

Deborah Krystall ^{ES}

Romi Ibérica

Espaço BoCA, Lisboa
09.10



A figura incontornável do transformismo em Portugal tem um nome e só pode ser o de Deborah Krystall. Alias de Fernando Santos, diretor artístico e performer do emblemático Finalmente Club, tem dado mote ao seu princípio fundamental: “podem chamar loucura, mas achamos que o que fazemos é cultura”.

A sua carreira é inseparável da história recente da cena queer lisboeta. Após o 25 de Abril de 1974, o transformismo saiu do carnaval, do teatro e das festas privadas para se afirmar como espetáculo público. Foi nesse contexto que Deborah Krystall consolidou um trabalho rigoroso e autoral. Ao lado da sua equipa, impôs regras de qualidade e estrutura nos espetáculos, insistindo na distinção entre a personagem em palco e a vida pessoal dos artistas. O objetivo era claro: ser reconhecido enquanto arte, e não como marginalidade.

Com Romi Ibérica, a performer conduz-nos numa viagem sensorial pelas raízes musicais da Península Ibérica. Entre a graça e o embuste, entre o destino fadista e a liberdade cigana, a performance transforma o palco em território mestiço, onde a música se converte em gesto teatral. Acompanhada por um bailarino convidado, Deborah Krystall convoca a intensidade do corpo em movimento, prolongando na dança o vibrato de cada canção.

Na BoCA Bienal, Romi Ibérica é apresentada como concerto-performance, revelando o rigor e a inventividade que Deborah Krystall tem vindo a afirmar ao longo de décadas no icónico Finalmente Club, em Lisboa. Um convite a respirar a memória viva do eixo ibérico, onde cada canto e cada gesto carregam a beleza indomável de um destino que se canta para continuar a existir.

Chrystabell^{USA} *The Spirit Lamp*

Música de David Lynch e Chrystabell e filme de David Gatten

A Voz do Operário, Lisboa
10.10



Cantora e atriz, musa de uma das figuras multidisciplinares mais emblemáticas da cultura norte-americana, Chrystabell apresenta “The Spirit Lamp”, um espetáculo que nos transporta para um território onde a música e a imagem se tornam luminescência, mapeado pela memória criativa de David Lynch. Com composições instrumentais do cineasta, a voz de Chrystabell move-se como uma presença etérea, conduzindo-nos por atmosferas que oscilam entre o sonho e a vigília.

O espetáculo começa com a própria voz de Lynch, que a apresenta como personagem de uma história de amor — um gesto íntimo que abre a porta a um universo de imagens orgânicas criadas pelo cineasta experimental David Gatten. Entre sombras e clarões, estas visões dialogam com a música, criando uma paisagem sensorial que se expande e contrai como um pensamento ou uma lembrança.

“The Spirit Lamp” é mais do que um concerto ou uma projeção: é uma invocação. Um lugar suspenso, onde o tempo se dissolve e o legado de Lynch ressoa no presente, reanimado pela voz de uma intérprete que habita plenamente o seu mistério.

Milo Rau ^{CH} & Servane Dècle ^{FR}
O Julgamento Pelicot – Um tributo a Gisèle Pelicot

Panteão Nacional, Lisboa

11.10



“A vergonha deve mudar de lado”. Com estas palavras, bem como com a sua decisão de tornar público o seu julgamento, Gisèle Pelicot tornou-se um símbolo na luta para acabar com a violência contra as mulheres. O caso de violação ocorrido em Mazan, pequena cidade no sul de França, revela como homens comuns de todas as idades e origens sociais são capazes de cometer um crime desumano: a violação repetida de uma mulher inconsciente.

Concebido como uma vigília performativa, a cena transforma-se num tribunal expandido, onde se reconstrói o julgamento a partir de centenas de horas de testemunhos, provas, entrevistas, análises forenses, registos visuais, colagens e textos académicos. A encenação de Milo Rau, em colaboração com a dramaturga e ativista Servane Dècle, não procura reconstituir os factos, mas criar uma arquitetura de escuta, memória e resistência.

Num tempo em que a justiça é tantas vezes palco de revitimização, “O Julgamento de Pelicot” devolve a dignidade da voz a quem foi silenciado. O público, como testemunha, percorre uma topografia emocional e política que torna visível a paisagem do trauma. No cenário simbólico do Panteão Nacional, este projeto devolve à arte a sua função pública: fazer ver, fazer sentir, e, acima de tudo, fazer lembrar.

João Pedro Rodrigues & João Rui Guerra da Mata ^{PT}

13 Alfinetes

Cinemateca Portuguesa, Lisboa
15.10

Filmoteca Española, Madrid
23.10



Encomendada pela BoCA, “13 Alfinetes” é uma nova curta-metragem de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, uma ficção que cruza devoção, desejo e espectros. Inspirado num milagre atribuído a Santo António e filtrado pelo olhar inquieto dos realizadores, o filme parte de um episódio lendário para construir um relato contemporâneo sobre fé, vingança e desilusão. A narrativa percorre geografias e tempos sobrepostos: da Lisboa medieval onde tudo começa, à Madrid do século XVIII, espelhada na pintura de Goya, até à Lisboa de hoje, onde os milagres já não acontecem — ou talvez se tenham apenas deslocado de forma. Com um olhar irónico e profundamente sensual, “13 Alfinetes” explora o lugar do sagrado num mundo secularizado, encenando a persistência dos mitos e das pulsões que os alimentam. Rodado entre Lisboa e Madrid, o filme é também um exercício de cinefilia barroca, onde a teatralidade do gesto, a exuberância dos espaços e a tensão entre o visível e o oculto constroem uma atmosfera ritual e profana. O título remete para uma antiga prática de feitiçaria amorosa madrilena, evocando uma dimensão íntima e violenta da fé como corpo e como ficção. “13 Alfinetes” tem a sua estreia mundial no encerramento do ciclo Mal Amor / Tainted Love, assinalando um novo capítulo na colaboração entre dois dos mais irreverentes autores do cinema contemporâneo português.

Elvis Guerra ^{MX} *Ramonera*

Espaço BoCA, Lisboa
15.10



A poeta mexicana Elvis Guerra, que se identifica como pessoa muxe, um terceiro género, distinto do masculino e feminino, reconhecido pela sociedade indígena zapoteca desde tempos imemoriais, apresenta uma leitura poética em língua zapoteca.

Elvis Guerra apresentará o seu livro *Ramonera*, que será publicado em Portugal em outubro deste ano pela editora Orfeu Negro, marcando a primeira edição bilingue publicada em Portugal em língua zapoteca e em português. Neste contexto, Elvis apresentará os poemas que escreveu com base nas suas experiências pessoais e na sua identidade cultural.

Este recital de poesia terá tradução para português e será complementado por uma experiência audiovisual que mergulhará o público na riqueza cultural do Istmo de Tehuantepec, região do estado de Oaxaca, no México, conhecida pelas suas tradições vivas e diversidade linguística.

Tânia Carvalho ^{PT} & Rocío Guzmán ^{ES}
Nossas Mãos / Nuestras Manos

Teatro da Garagem / Teatro Taborda, Lisboa
16.10

Sala Berlanga, Madrid
17.10



Tânia Carvalho e Rocío Guzmán encontram-se em palco para um concerto íntimo, denso e emotivo, onde as suas vozes — distintas na origem e na textura — se entrelaçam num diálogo inesperado e profundamente harmonioso. Este encontro revela não uma fusão, mas uma convivência entre o português e o espanhol, entre a melancolia e a força, entre a fragilidade do gesto e a potência da presença.

Ambas as artistas, vindas de percursos singulares no cruzamento entre a música e a cena, criam aqui um espaço onde se escutam mutuamente — e onde o público é convidado a juntar-se. Há uma melancolia subtil que atravessa cada canção, quase cinematográfica, como se cada momento fosse a banda sonora de um lugar interior, de uma memória partilhada. A voz de Tânia Carvalho, ora sussurrada, ora firme, ecoa as inflexões do cancionero português; Rocío Guzmán, por sua vez, invoca as raízes do flamenco e da tradição andaluza, filtradas por uma abordagem sensível e contemporânea. Juntas, constroem uma linguagem comum feita de silêncio, timbre e vibração. Esta criação, mais do que um concerto é um encontro entre duas formas de dizer o mundo. Um gesto de afeto e escuta, onde a diferença se transforma em cumplicidade sonora e onde a música também é território de comunhão.

Candela Capitán ^{ES} *SOLAS*

8 Marvila, Lisboa
16.10



Através de peças coreográficas, instalações imersivas e performances, a coreógrafa espanhola Candela Capitán explora a alienação, a erotização e a automatização do desejo em ambientes digitais, onde o corpo fica preso entre a vigilância e a exposição constante.

A performance “SOLAS” aborda a sobre-exposição do corpo feminino na era digital. Cinco intérpretes, cinco computadores e uma plataforma de streaming partilham o mesmo espaço — físico e virtual — num dispositivo coreográfico onde um grupo de performers mulheres se contemplam a si mesmas enquanto são observadas, numa encenação que confronta o olhar, a repetição e a vigilância.

Entre o palco e o ecrã, “SOLAS” constrói uma estética pós-internet: luzes de dispositivos móveis, bodies futuristas, computadores Apple, erotismo domesticado. Tudo aqui é superfície, reflexo, pixel. A coreografia, expandida para o mundo online, não apenas ocupa o espaço digital, denuncia-o. Com banda sonora da artista brasileira Slim Soledad, o espetáculo investiga a erosão da identidade nas redes sociais, a estetização do desejo e a mercantilização do corpo feminino no mercado imaterial dos dados.

“SOLAS” é tanto um exercício de visibilidade como uma crítica feroz à forma como os corpos femininos são capturados, reproduzidos e esvaziados no ciclo infinito das imagens. Questiona o hiperindividualismo, o narcisismo algorítmico e a opacidade de uma cultura onde se vê tudo mas se compreende pouco. Aqui, o corpo não é apenas observado — é devolvido ao seu potencial disruptivo, como território político e sensível em plena hipervisibilidade.

Raquel André ^{PT}*Belonging / E di / Pertenencia / Zugehörigkeit / Pertença / 絆*

Réplika Teatro, Madrid

17.10, 18.10



Com direção de Raquel André, “Belonging | E di | Pertenencia | Zugehörigkeit | Pertença | 絆” é uma viagem por possíveis encontros com o sentimento de pertença.

Encontrar pessoas, conhecer as suas histórias pessoais, de vida, de memórias cheias de futuro. Este espetáculo que poderia ser uma sessão de cinema performativo sugere uma imersão à complexidade da ideia de pertencimento. A partir da importância do mapeamento genético das populações humanas através de testes de ADN, até às problemáticas éticas, políticas, geográficas, sociais e económicas desses mesmos dados, às narrativas sobre pertença como um sentimento e esse sim uma propriedade a ser urgentemente mapeada. Um espetáculo onde as imagens e a música ao vivo formam tentativas de captura do sentimento de pertença, são movimentos poéticos de contar a história pessoal de alguém.

Maria Reis ^{PT}

Suspiro...

Espaço BoCA, Lisboa
18.10



A singularidade da voz de Maria Reis no ideário da canção portuguesa contemporânea tem vindo a ser reconhecida através dos prémios da Sociedade Portuguesa de Autores e da Rádio Futura dentro das categorias de melhor disco e melhor música popular. No centro deste percurso está “Suspiro...”, o seu mais recente álbum, que prolonga um ciclo de crescimento entre intimidade e risco, agora marcado por uma maturidade lírica e musical que só a experiência e a escuta atenta permitem. Criado em cumplicidade com o músico e produtor Tomé Silva e gravado na proximidade doméstica de um quarto, o disco é um exercício de contenção e de abertura: um fôlego que parte do interior para se projetar no mundo.

Em palco, “Suspiro...” revela-se como um mosaico de estados emocionais e paisagens sonoras: do sopro íntimo à energia eletrificada, da hipnose dançante ao lirismo de uma honestidade desarmante. Maria Reis encena uma canção expandida que, sendo radicalmente pessoal, convoca um reconhecimento coletivo. Entre guitarras acústicas e elétricas, ritmos depurados e harmonias vocais suspensas, constrói canções que são simultaneamente confissão e convite, cruzando fragilidade e luminosidade pop.

Na BoCA Bienal, o concerto ultrapassa a simples apresentação de um álbum: afirma-se como a celebração de um novo fôlego para a canção — um suspiro que já se ouve como respiração de futuro.

Julián Pacomio ^{ES/PT} *Os Teus Mortos*

Espaço BoCA, Lisboa
19.10



“Os Teus Mortos” é o capítulo final da Trilogía del Sol, projeto de Julián Pacomio que investiga as diferentes intensidades, mitologias e dramaturgias da luz solar ao longo do dia. Depois do amanhecer (“Apocalipsis entre amigos o El Día Simplemente”) e do meio-dia (“Toda la Luz del Mediodía”), “Os Teus Mortos” mergulha no lusco-fusco e na noite fechada, nessa transição densa em que a luz desaparece e o corpo entra noutra vibração.

Desenvolvida em residência no Espaço BoCA, esta nova criação não trata a noite como ausência ou terror, mas como um espaço fértil e sensorial onde a escuridão é alegria, abrigo e recomeço. Inspirando-se em expressões populares como “lubricán” ou “lusco-fusco”, Pacomio constrói uma estética para aquele instante em que o mundo perde contorno e ganha densidade.

Na fronteira entre texto e performance, entre palavra e coreografia, “Os Teus Mortos” propõe uma dramaturgia da cegueira: uma visão expandida a partir da escuridão, onde o invisível deixa de ser ausência e se torna matéria dramática. A apresentação pública resultante da residência artística será um ritual de passagem, um gesto que abraça o fim do dia como espaço de vitalidade, de beleza e de reinvenção dos nossos mortos — e dos nossos modos de viver com eles.

Aurora Bauzà & Pere Jou ^{ES}

A BEGINNING #16161D

Panteão Nacional, Lisboa
24.10, 25.10



Artistas catalães com forte projeção internacional, Aurora Bauzà e Pere Jou apresentam-se pela primeira vez em Portugal. Dão a conhecer a fascinante e imersiva linguagem transdisciplinar que desenvolvem, na fronteira entre dança e música, onde a fisicalidade vocal e a presença cénica se fundem. Desafiados pela BoCA, concebem uma recriação inédita da sua peça “A Beginning”, adaptada à escala e arquitetura do Panteão Nacional. O espaço torna-se corpo e ressonância, moldando uma experiência imersiva que amplia a dimensão coral e coreográfica da obra.

“A Beginning” é uma viagem entre a obscuridade e a luz, onde corpo, voz e luz se entrelaçam numa coreografia sensorial e vocal. Cinco bailarinos-cantores, equipados com luzes portáteis, respiram, caminham e falam, numa composição em que o corpo que canta se dissocia do corpo que se move. A peça articula movimento visível e som ressonante, abrindo espaço para uma reflexão sobre a tensão entre o individual e o coletivo, entre o íntimo e o monumental.

Marcos Morau / La Veronal ^{ES}

Totentanz

Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa
24.10, 25.10



Nome incontornável da dança contemporânea europeia, Marcos Morau e a sua companhia La Veronal apresentam “Totentanz”, um espetáculo concebido para espaços não convencionais, onde a morte — essa figura antiga, temida e fascinante — regressa ao centro da cena. Inspirando-se na tradição medieval da “dança da morte”, o espetáculo invoca um ritual coletivo para os nossos tempos: um luto sem nome, uma meditação sobre a fragilidade da vida e a opacidade do fim.

Numa sociedade que naturalizou a violência mas desativou os seus ritos, “Totentanz” propõe uma coreografia que mergulha no desconhecido. Dois corpos inertes, quase espectros, marcam o limiar entre mundos — são guias, talvez relíquias, talvez apenas máscaras. O público é envolvido desde o início numa sessão de espiritismo coreográfico, onde o movimento e o som operam como dispositivos de invocação. O medo não é evitado, é coreografado.

Entre a celebração e o colapso, a peça desenha um percurso emocional que escapa à lógica: o que significa morrer num mundo que já perdeu o sentido da vida? A morte, tantas vezes afastada, torna-se aqui presença ativa, lente crítica, figura dançante.

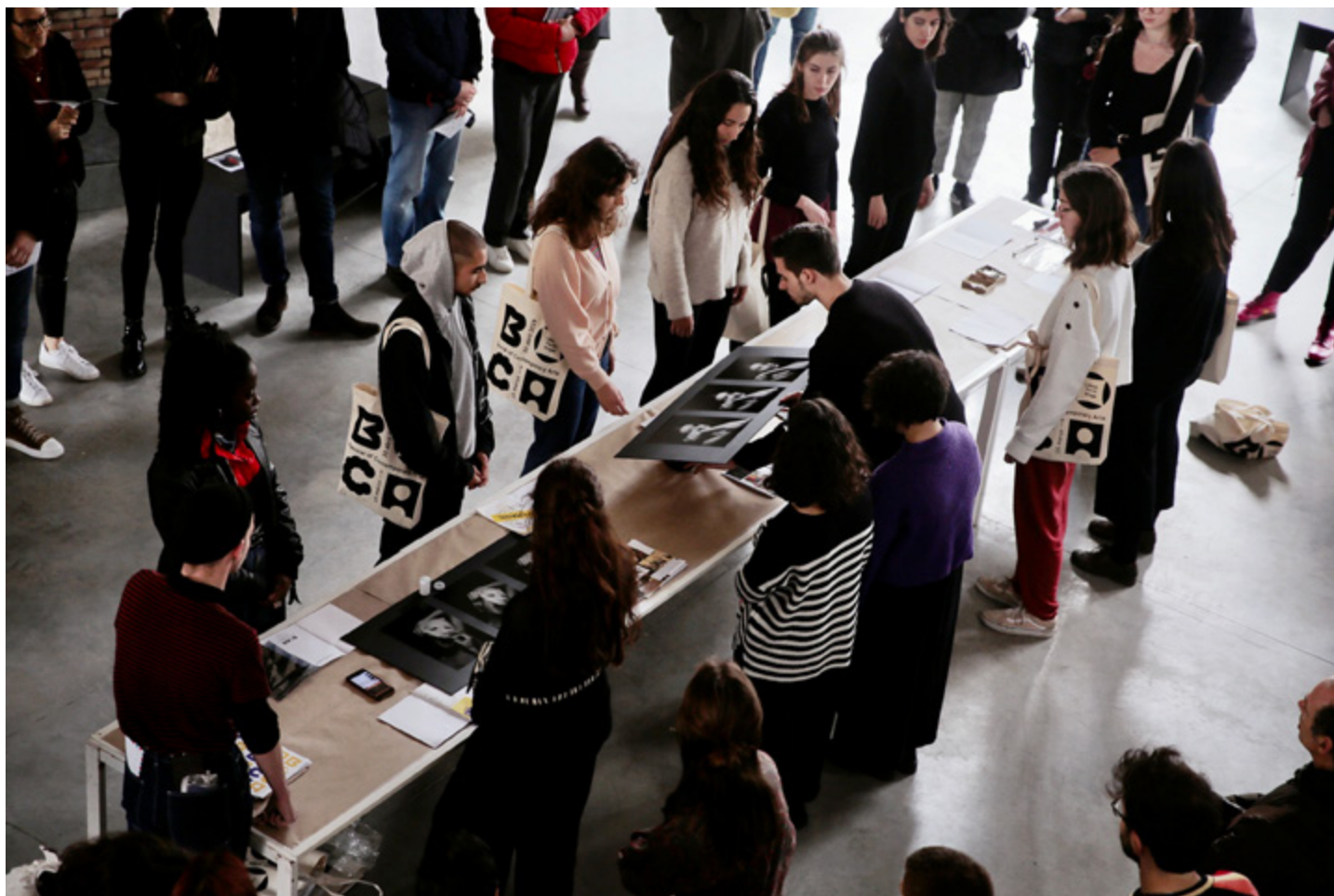
Com “Totentanz”, Marcos Morau e La Veronal retornam à potência do gesto como forma de pensamento e à cena como lugar de evocação. Um espetáculo que não procura respostas, mas convoca perguntas que há séculos nos assombram: para onde vamos, quem somos, o que permanece depois da última dança?

BoCA Sub 21

Apresentações públicas:

Goethe-Institut
25.10

Espacio BoCA
26.10



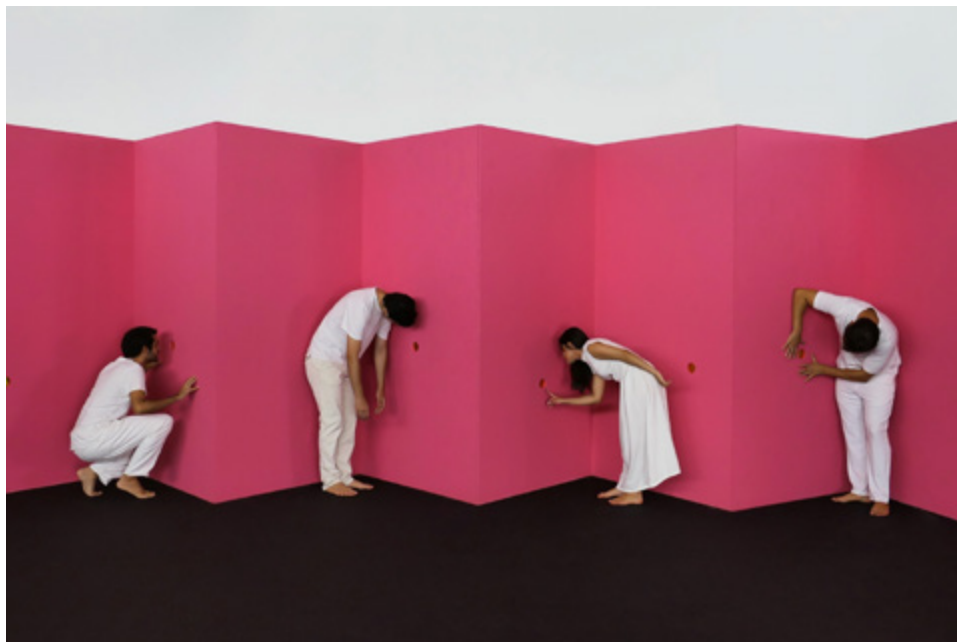
Desde 2017 que o projeto BoCA Sub21, coordenado por Sara Franqueira, tem vindo a integrar e amplificar as vozes de jovens criadores da cidade de Lisboa e da segunda cidade onde a Bienal tem lugar. Em 2025, o projeto desdobra-se não só em Lisboa como também em Madrid.

Os participantes nestes dois grupos terão a oportunidade de explorar, em Lisboa e Madrid, temas da BoCA 2025 que refletem as suas realidades, interesses e desafios comuns, fomentando a criatividade e a colaboração entre eles. O resultado deste diálogo será a criação de uma apresentação artística multidisciplinar que terá lugar em cada uma das cidades, celebrando as identidades artísticas de cada coletivo e as suas intersecções.

Os Espacialistas

Mappa: Concetto Spaziale

Espaço BoCA
10.09 – 26.10



Concebida para o Espaço BoCA, em Lisboa, a instalação cenográfica Espacialista intitulada “Mappa: Concetto Spaziale” foi criada para ser o ponto de encontro da bienal, um espaço que acolhe concertos, performances, conversas, workshops, uma loja e momentos de convívio.

É um mapa habitado,
uma fronteira,
um percurso,
uma praça de encontros,
um hortus conclusus,
uma dobra e ruga barroca,
um ziguezague,
um desvio e um fólio de Lucio Fontana.
É interior e exterior.
É tempo corpo e espaço.
É um espaço de espaços dentro de um espaço.
É cor-de-rosa-Barragán.
É uma soma de cantos e esquinas.
É um conjunto de círculos dourados de Euclides,
plissados à lá Issey Miyake,
em movimentos Muybridgeianos.
É um caminho,
um “Camino Irreal” com partida, andar e chegada.
OS ESPACIALISTAS

ESPAÇO BoCA

De 10 de setembro a 26 de outubro, o Espaço BoCA acolhe uma programação regular, incluindo concertos, performances, conversas e workshops. Concebido pelo coletivo de arquitetura Os Espacialistas, o espaço servirá também de ponto de encontro da bienal.

10.09 – 26.10

Os Espacialistas

Mappa: Concetto Spaziale | Instalação cenográfica

sábado 04.10

21H30 | Tristany Mundu ^{PT}

Ensaïos de uma cidade à volta de uma cidade |

Concerto-performance

quinta-feira 09.10

21H30 | Deborah Krystall ^{PT}

Romi Ibérica | Concerto-performance

quarta-feira 15.10

19H30 | Elvis Guerra ^{MX}

Ramonera | Leitura-performance

sábado 18.10

21H30 | Maria Reis ^{PT}

Suspiro... | Concerto

domingo 19.10

18H | Julián Pacomio ^{ES/PT}

Os Teus Mortos | Partilha de espetáculo em criação

quarta-feira 22.10

18H | Seba Calfuqueo ^{CL}

Conversa com artista

22.10 – 25.10

Seba Calfuqueo ^{CL}

Situar el Cuerpo | Workshop de Performance

sábado 25.10

16H | Partilha Pública

Resultados do workshop *Situar el Cuerpo* |
Performance

domingo 26.10

18H | Coletivo BoCA Sub21

Criação resultante de projeto participativo |
Performance

Bilheteira, informações e loja

Qui–Sex 15H30-19H30

Dias de programação: Abertura 2H antes

Morada: Entrada pela na Rua do Instituto Industrial 14, 1200-225 Lisboa

BoCA SUMMER SCHOOL 2025

WORKSHOPS LISBOA

Daniel Tércio
Dança e Ecologia

Alberto Cortés
Teatro

Elena Córdoba
Dança

Seba Calfuqueo
Performance

TALKS / MASTERCLASS

Naufus Ramírez-Figueroa ^{GT}

Kiluanji Kia Henda ^{AO}

El Conde Torrefiel ^{ES}

Martim Sousa Tavares ^{PT}

Adriana Proganó ^{PT}

Julian Pacómio ^{ES/PT}

Seba Calfuqueo ^{CL}

Apoio institucional / Apoyo institucional



Financiamento / Financiación



Apoio ao programa educativo / Apoyo al programa educativo



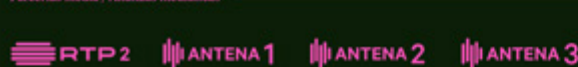
Apoios / Apoyos



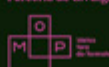
Parcerias de programação / Alianzas de programación



Parcerias media / Alianzas mediáticas



Parceria de divulgação / Alianza de difusión



B O C A



artes performativas artes visuais música cinema

Biennial of Contemporary Arts Camino Irreal

Lisboa

www.bocabienal.org
[@bocabienal](https://twitter.com/bocabienal)

Madrid

10.09.2025 – 26.10.2025